

MANIFESTO “TRANSIÇÃO PARA DIETAS À BASE DE VEGETAIS NOS AJUDARÁ A COMBATER A PANDEMIA”*

MANIFIESTO “LA TRANSICIÓN A DIETAS BASADAS EN VEGETALES NOS AYUDARÁ A LUCHAR CONTRA LAS PANDEMIAS”

MANIFESTO “TRANSITION TO PLANT-BASED DIETS WILL HELP US FIGHT PANDEMICS”

O desanimador primeiro semestre de 2020 foi definitivamente distante do que qualquer um de nós desejou. Contudo, seria desonesto dizer que o que estamos enfrentando até então é algo completamente inesperado. Já em 2007, pesquisadores de Hong Kong tentaram alertar sobre o fato de que “a presença de um grande reservatório de SARS-coV - como vírus em morcego-de-ferradura-grande¹, junto com a cultura de comer mamíferos exóticos no sul da China é uma bomba relógio”². Infelizmente, o poder dos hábitos alimentares parece, frequentemente, triunfar sobre os fatos. Agora, estamos a testemunhar as consequências disso.

O novo coronavírus - SARS-CoV-2 -, responsável pela atual pandemia, foi primeiramente identificado em Wuhan, Hubei (China), em 1º de dezembro de 2019. Pesquisa recente aponta que esse parece ter sido oriundo de morcegos ou outros animais silvestres infectados^{3,4,5}. O primeiro contágio humano foi associado ao Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Huanan, no qual estavam sendo vendidos animais vivos. Devido à pandemia, recentemente foi noticiado que a China tornou ilegal o consumo para fins alimentares de animais

* Tradução feita para o português por Tânia Regina Vizachri, Mariah Peixoto e Thiago Pires-Oliveira de texto originalmente escrito na língua inglesa.

¹ N.T.: Espécie *Rhinolophus ferrumequinum*.

² CHENG, Vicent C. C. et al. Severe Acute Respiratory Syndrome Coronavirus as an Agent of Emerging and Reemerging Infection. **Clinical Microbiology Reviews**, v. 20, n. 4, 2007, p. 24. Disponível em: <https://cmr.asm.org/content/20/4/660.short>.

³ LAM, Tommy Tsan-Yuk et al. Identifying SARS-CoV-2-related coronaviruses in Malayan pangolins. **Nature**, v. 583, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2169-0>.

⁴ ZHOU, Peng et al. A pneumonia outbreak associated with a new coronavirus of probable bat origin. **Nature**, v. 579, 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41586-020-2012-7>.

⁵ ZHANG, Yong-Zhen; HOLMES, Edward C. A Genomic Perspective on the Origin and Emergence of SARS-CoV-2. **Cell**, v. 181, 2020. Disponível em: [https://www.cell.com/cell/pdf/S0092-8674\(20\)30328-7.pdf](https://www.cell.com/cell/pdf/S0092-8674(20)30328-7.pdf).

silvestres no país, almejando prevenir futuras zoonoses⁶.

Não demorou muito para aparecerem as primeiras afirmações e acusações xenófobas, fazendo com que o novo coronavírus fosse apelidado como o “vírus chinês”⁷. Apesar da doença provavelmente ter se espalhado devido ao consumo humano de animais normalmente não encontrados nas dietas ocidentais, as pessoas convenientemente tenderam a se esquecer de visualizar os riscos e danos associados aos seus próprios hábitos culturais. De acordo com a FAO (a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), “cerca de 70% das novas doenças que vem infectando os seres humanos nas últimas décadas são oriundas dos animais”⁸. O setor agropecuário industrial impõe a nós um alto perigo, uma vez que as monoculturas aumentam o risco de mutações rapidamente se espalharem. O desmatamento dos territórios habitados por animais silvestres pelas corporações agropecuárias também força o contato entre a fauna silvestre e os animais domésticos, aumentando o risco das doenças serem transmitidas dos animais silvestres para os seres humanos, utilizando-se dos animais domésticos como uma ponte⁹. Uma vez que nós, como sociedades, ainda consideramos outros animais como alimento e recursos, um novo vírus poderia ter aparecido em qualquer lugar do mundo.

As condições de vida da maioria dos animais utilizados pelas indústrias de produtos de origem animal, mesmo antes de eles serem transportados e abatidos, é apavorante. Isto, em si mesmo, deveria ser razão suficiente para nós iniciarmos uma urgente mudança nos nossos hábitos de consumo. Se você ainda não está consciente do que animais estão enfrentando por causa da demanda de produtos de origem animal, como carne, ovos, laticínios, couro e pele, você pode querer consultar alguns documentários, como *Terráqueos* (2015), *Dominion* (2018), e/ou informações provenientes de ONGs que trabalham pelos direitos/bem-estar dos animais, a exemplo da *Animal Equality UK*. Contudo, uma vez que nossa sociedade está ainda pautada em valores e padrões antropocêntricos, o foco primário deste texto é apontar os efeitos negativos que tais práticas exploratórias têm para nossa própria espécie.

⁶ WESTCOTT, Ben; DENG, Shawn. China has made eating wild animals illegal after the coronavirus outbreak. But ending the trade won't be easy. **CNN**, 6 Mar. 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/03/05/asia/china-coronavirus-wildlife-consumption-ban-intl-hnk/index.html>.

⁷ SERHAN, Yasmeen; MCLAUGHLIN, Timothy. The Other Problematic Outbreak. **The Atlantic**, 13 Mar. 2020. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/international/archive/2020/03/coronavirus-covid19-xenophobia-racism/607816/>.

⁸ UN NEWS. **Surge in animal-human diseases calls for more holistic approach to health, UN reports**. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2013/12/458002-surge-animal-human-diseases-calls-more-holistic-approach-health-un-reports>.

⁹ ALLEN, Toph et al. Global hotspots and correlates of emerging zoonotic diseases. **Nature Communications** 8:1124, 2017. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-017-00923-8>.

Um rápido olhar para algumas das doenças que temos enfrentado mostra que muitas delas estão conectadas a práticas de exploração envolvendo outras espécies. Como apontado no relatório “*World livestock 2013: changing disease landscapes*”¹⁰: “a emergência do vírus da imunodeficiência humana 1 (HIV-1), da encefalopatia espongiforme bovina (a “doença da vaca louca”), da síndrome respiratória aguda severa (SARS) e dos novos vírus da gripe (v.g. a “gripe suína”) pode estar relacionada ao consumo de produtos alimentícios de origem animal, envolvendo tanto animais silvestres quanto produtos da pecuária”. Como nós podemos ver, a emergência de doenças zoonóticas não é exclusiva do consumo de animais silvestres.

Nosso consumo de animais não apenas causa novas cepas virais zoonóticas, mas também impulsiona o surgimento outros patógenos perigosos e aumenta a crise ambiental. Por exemplo, o uso indiscriminado de antibióticos em animais está estimulando o aparecimento de bactérias resistentes a diversos medicamentos. Conforme foi exposto em um estudo recente, a resistência a antibióticos na pecuária tem triplicado desde 2000¹¹. Além disso, o relatório do IPCC de 2019¹² aponta que 50% das emissões de metano, o mais potente gás do efeito estufa, é devido à produção de gado e cultivo de arroz e nosso atual sistema alimentar é responsável por 20% a 30% dos gases de efeito estufa^{13,14}. Uma dieta vegetariana e baseada em vegetais tem sido sugerida pelo relatório do IPCC, entre outras instituições, como uma possível solução para reduzir as emissões de gases de efeito estufa e mitigar as consequências da mudança do clima^{15,16}.

Considerando os aspectos da saúde de uma dieta baseada em vegetais, em 2016 foi publicada¹⁷ a posição da Academia de Nutrição e Dietética (*Academy of Nutrition and Dietetics*)

¹⁰ FAO. **World Livestock 2013: changing disease landscapes**. Rome: Food and Agriculture Organization of the United Nation, 2013. Disponível em: <http://www.fao.org/3/i3440e/i3440e.pdf>.

¹¹ PRINCETON UNIVERSITY. Antibiotic resistance in food animals nearly tripled since 2000. **ScienceDaily**, 9 Oct. 2019. Disponível em: <https://www.sciencedaily.com/releases/2019/10/191009132321.htm>.

¹² IPCC. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/2019/>.

¹³ MCKIE, Robin. We must change food production to save the world, says leaked report. **The Guardian**, 4 aug. 2019. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2019/aug/03/ipcc-land-use-food-production-key-to-climate-crisis-leaked-report>.

¹⁴ Disponível em: <https://www.tabledebates.org/chapter/food-systems-and-greenhouse-gas-emissions>.

¹⁵ ABRAMS, Abigail. How Eating Less Meat Could Help Protect the Planet From Climate Change. **Time**, 8 aug. 2019. Disponível em: <https://time.com/5648082/un-climate-report-less-meat/>.

¹⁶ HARRABIN, Roger. Plant-based diet can fight climate change - UN. **BBC News**, 8 aug. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/science-environment-49238749>.

¹⁷ N.T.: Em *paper* publicado em 2016 no periódico *Journal of the Academy of Nutrition and Dietetics*, os nutricionistas norte-americanos Vesanto Melina, Winston Craig e Susan Levin afirmam que a posição da Academia de Nutrição e Dietética, a maior organização dos Estados Unidos da América que reúne profissionais de nutrição e que possui sede em Chicago, no estado de Illinois, já vem apresentando uma posição favorável sobre dietas vegetarianas desde 1987, sendo reafirmada em anos subsequentes. Nesse sentido, conferir: MELINA, Vesanto; CRAIG, Winston, LEVIN, Susan. Position of the Academy of Nutrition and Dietetics: Vegetarian Diets. **J Acad**

na qual se afirmou que uma dieta vegetariana apropriadamente planejada, o que incluiria também uma dieta vegana, é saudável, nutricionalmente adequada e pode prover benefícios para a saúde, tanto para a prevenção quanto para o tratamento de certas doenças¹⁸. Além disso, há um crescente interesse em ambos os benefícios para saúde e meio ambiente por reduzir a quantidade de alimentos de origem animal em nossas dietas, na qual uma mudança em direção a uma dieta baseada em vegetais pode diminuir a incidência de inúmeras doenças não-infecciosas, tais como diabetes e câncer, e contribuir para alcançar objetivos sustentáveis¹⁹. Um estudo da Universidade de Oxford, explorando as consequências ambientais e à saúde de uma mudança na alimentação, encontrou que o valor monetário de melhorias na saúde devido a dietas mais baseadas em vegetais poderia ser comparável ao, ou mesmo exceder o, valor dos benefícios ambientais²⁰. Há, portanto, uma importância inevitável de que os guias nacionais de nutrição sejam ajustados de acordo com estas descobertas e que seja feita uma ação para tornar alimentos baseados em vegetais mais acessíveis a todos.

É claro que não há nenhuma solução mágica para prevenir todas as possíveis crises pandêmicas futuras ou outras crises. Contudo, a transição para o veganismo parece ser um passo importante não apenas para a diminuição do risco de novas doenças zoonóticas, mas também para mitigar as mudanças climáticas - um problema do qual a comunidade científica tem tentado nos conscientizar e que nós, como sociedade, persistimos evitando em prol da manutenção de velhos hábitos e busca de um lucro financeiro com uma visão míope quanto ao futuro. Além disso, parar o consumo de produtos animais colocará um fim no imenso sofrimento que outros seres sencientes tem passado pelo privilégio de prazeres fugazes e triviais dos humanos, criando um mundo no qual nossas decisões cotidianas possam ser baseadas em empatia e compaixão, não o oposto. É hora de admitir que nosso consumo de animais está enraizado em tradições danosas, não em necessidades. Quanto mais cedo reconhecermos que essas práticas estão sustentadas sobre pressupostos morais discriminatórios com relação às outras espécies, mais cedo estaremos aptos

Nutr Diet., 2016 Dec; 116(12): 1970-1980. DOI: 10.1016/j.jand.2016.09.025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27886704/>.

¹⁸ MELINA, Vesanto; CRAIG, Winston, LEVIN, Susan. Position of the Academy of Nutrition and Dietetics: Vegetarian Diets. **J Acad Nutr Diet.**, 2016 Dec; 116(12): 1970-1980. DOI: 10.1016/j.jand.2016.09.025. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27886704/>.

¹⁹ CLARK, Michael A. et al. Multiple health and environmental impacts of foods. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Nov. 2019, 116 (46) 23357-23362; DOI: 10.1073/pnas.1906908116. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/116/46/23357>.

²⁰ SPRINGMANN, Marco et al. Analysis and valuation of the health and climate change cobenefits of dietary change. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, Mar. 2016, 201523119; DOI: 10.1073/pnas.1523119113. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/early/2016/03/16/1523119113.abstract>.

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 3, n. 2, p. 143-148, jul.-dez., 2020.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, 3, n. 2, p. 143-148, jul.-dic., 2020.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 3, n. 2, p. 143-148, jul.-dec., 2020.
 e-ISSN: 2676-0150

a dismantelar os mecanismos psicológicos de defesa que mantêm o *status quo*, incluindo entorpecimento psicológico, individualização e objetificação.

Não há dúvidas de que o testetemunhado no presente momento é não somente uma, mas diversas crises que seguirão em sequência ao surgimento do coronavírus. Além de todas as mortes trágicas, a crise econômica global e as potenciais sequelas permanentes nos sobreviventes da doença, a pandemia também dá vazão a sérias consequências sociais e psicológicas devido ao desemprego e isolamento, afetando, principalmente, os mais vulneráveis em nossa sociedade. Contudo, esta crise nos fornece uma importante oportunidade de mudança. Pessoas estão discutindo problemas sociais significativos devido à pandemia de COVID-19, como a importância de uma saúde universalizada, resiliente e com prontidão e resposta a emergências. Porém, não nos deixemos parar por aqui. O papel central da exploração animal para o surgimento desta pandemia é dolorosamente claro. Ainda, até a presente data, poucas iniciativas foram feitas pelos tomadores de decisão a fim de reconhecer tal conexão e trabalhar para a transição em direção a alternativas baseadas em vegetais.

Apesar de desagradável, o distanciamento social e a quarentena estão nos ensinando uma importante lição: hábitos e rotinas podem ser rapidamente mudados se necessário. Agora, mais do que nunca, é tempo de acabar com os sistemas de produção baseadas em proteína animal e começar a transição para dietas baseadas em vegetais - pela nossa própria saúde, pelos animais e pelo meio ambiente compartilhado. Nós requeremos o apoio governamental para que os fazendeiros possam fazer esta transição, bem como uma mudança para a alimentação baseada em vegetais em todos os setores públicos, tais como escolas, universidades, e outros locais de trabalho. Nós também clamamos pelo banimento, em nível global, do comércio da fauna silvestre e a exploração mundial dos habitats desses animais.

Andrew Knight (Professor de Ética e Bem-Estar Animal e Diretor Fundador do Centro de Bem-Estar Animal da Universidade de Winchester/Reino Unido. *European & RCVS Veterinary Specialist* em Ciência do Bem-Estar Animal, Ética e Direito; *American & New Zealand Veterinary Specialist* em Bem-Estar Animal. *Fellow* do *Royal College of Veterinary Surgeons*/Reino Unido e Membro da Divisão de Bem-Estar Animal da *Australian and New Zealand College of Veterinary Scientists*, *Principal Fellow* da Academia de Educação Superior do Reino Unido)

Claire Parkinson (Professora de Cinema, Televisão e Mídias Digitais, Codiretora do Centro de Estudos Humano-Animal, Universidade Edge Hill/Reino Unido)

Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais, Salvador, v. 3, n. 2, p. 143-148, jul.-dez., 2020.
Revista Latinoamericana de los Derechos de la Naturaleza y de los Animales, Salvador de Bahía, 3, n. 2, p. 143-148, jul.-dic., 2020.

Latin American Journal of Nature Rights and Animal Law, Salvador, v. 3, n. 2, p. 143-148, jul.-dec., 2020.
e-ISSN: 2676-0150

Patricia MacCormack (Professora de Filosofia Continental na Escola de Humanidades e Ciências Sociais, Universidade Anglia Ruskin/Reino Unido)

Richard Twine (Professor Associado “*Senior Lecturer*” de Ciências Sociais no Departamento de Ciências Sociais e Codiretor do Centro de Estudos Humano-Animal, Universidade Edge Hill/Reino Unido)

Mariah Peixoto (Graduanda pela Universidade de Gotemburgo/Suécia e Universidade de São Paulo/Brasil. Rede pelos Estudos Críticos Animais no Antropoceno da Universidade de Gotemburgo/Suécia)

Helena Pedersen (Professora Plena “*Associate Professor*” de Educação na Universidade de Gotemburgo/Suécia. Rede pelos Estudos Críticos Animais no Antropoceno da Universidade de Gotemburgo/Suécia)

Jonna Håkansson (Doutoranda especializada no domínio da Educação pela Universidade de Gotemburgo/Suécia. Rede pelos Estudos Críticos Animais no Antropoceno da Universidade de Gotemburgo/Suécia)

Dorna Behdadi (Doutoranda em Filosofia Prática pela Universidade de Gotemburgo/Suécia. Rede pelos Estudos Críticos Animais no Antropoceno da Universidade de Gotemburgo/Suécia)

Thomas Laurien (Doutor, Designer MFA, Curador. Professor Associado “*Senior Lecturer*” na *HDK-Valand* - Academia de Arte e Design, Universidade de Gotemburgo/Suécia. Rede pelos Estudos Críticos Animais no Antropoceno da Universidade de Gotemburgo/Suécia)

Björn Olsen (Professor e Médico Sênior de Doenças Infecciosas no Departamento de Ciências Médicas da Universidade de Uppsala/Suécia)

Lina Gustafsson (Médica veterinária)

Kerstin Malm (Doutora em Etologia)

Elin Pöllänen (Mestre em Saúde Pública, Pesquisadora transdisciplinar e Educadora)

Tânia Regina Vizachri (Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo/Brasil)

Thiago Pires-Oliveira (Doutorando em Mudança Social e Participação Política pela Universidade de São Paulo/Brasil. Diretor Jurídico do Instituto Abolicionista Animal).